

"Marxismo e historicismo (notas críticas à Karl R. Popper)", de José Rodríguez;
"O método empírico e o conhecimento econômico", de Luis Angel Rojo;
"O individualismo metodológico e os historiadores", de Pedro Schwartz;
"O princípio de indução e o critério de refutabilidade de Popper", de Miguel Boyer;
"Três fronteiras da ciência (sobre as relações entre o critério de demarcação científica e o critério empirista de significado)", de Javier Muguerza;
"Sobre a teoria da inteligência objetiva", de Karl R. Popper.

A leitura dos diversos artigos permite a elucidação das proposições de Popper e as oposições possíveis as suas idéias.

A maior parte dos artigos discute as posições de Popper na filosofia da ciência e na lógica. De especial interesse para os historiadores são os três artigos em que se discute as concepções de história e que são: "marxismo e historicismo", "o método empírico e o conhecimento econômico" e "o individualismo metodológico e os historiadores". Neles estão as principais críticas possíveis à confusão que Popper sistematicamente faz colocando o marxismo dentro do historicismo e negando a possibilidade de um método comum a vários historiadores. Infelizmente, esses artigos não estão acompanhados dos debates, pois segundo os editores houve defeito na gravação, o que não permitiu sua utilização. Assim, não ficamos sabendo como o autor citado defende sua concepção de história e de trabalho histórico.

De modo geral, em um momento que se reeditam as obras de Popper, uma consulta a esse volume torna-se fundamental, para maior compreensão do alcance das idéias lançadas por ele.

RAQUEL GLEZER.

* * *

CUNHA (Euclides Rodrigues Pimenta da). — *Um Paraíso Perdido: reunião dos ensaios amazônicos*. (Seleção e coordenação de Hilton Rocha). Petrópolis, Editora Vozes; Brasília, INL, 1976. 327 p. 21 vm. (Dimensões do Brasil, v. 1).

A Editora Vozes inicia, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, a coleção "Dimensões do Brasil" com os dois primeiros volumes: o DB1 — *Um Paraíso Perdido*, e o DB2 — *Crônica do Brasil Colonial* de João Francisco Lisboa, seguidos em breve do DB3 — *A escravidão no Brasil*, de Perdígão Malheiro.

Sob a direção editorial de Hilton Rocha, a presente coleção tem por objetivo, através da divulgação de textos clássicos de nossa formação histórica "assegurar o lastro cultural de que os moços de hoje precisam dispor para que não se percam em divagações futuroológicas, perigosas, inclusive, à segurança ética e política da Nação". (pág. 18). Daí as mais diversas obras

desta Nova Brasileira, definindo a multiplicidade de aspectos que nos distinguem no panorama universal em épocas diferentes. "As Dimensões do Brasil não estarão confinadas a uma só época, a um só período ou a um só aspecto da nossa formação nacional. Elas pretendem reunir as partes que se penetram e se completam e não podem ser dissociadas ou isoladas no âmbito dos acontecimentos, idéias e aspirações isolados. E assim interligadas e interfundidas poderão nos ajudar a encontrar o que sociologicamente falando seria o caminho da História". (pág. 39).

A Editora Vozes em boa hora fez a escolha sobre a Amazônia, ao lançar o primeiro volume da coleção. A Amazônia é ainda objeto de pesquisas e de decisões de cunho nacional. Nestas páginas, Euclides da Cunha "faz geografia, faz história, faz interpretação e análise sociológica da sociedade amazônica que conheceu..." (pág. 50).

O livro compõe-se de longa Introdução, onde, além da Apresentação da Coleção (A.C. Ferreira Reis e H. Rocha), vários aspectos da vida e obra de Euclides da Cunha são tratados. Os textos do A. são divididos em três partes: 1). — Amazônia: terra sem história; 2). — O rio Purús e outros estudos; 3.) — Cartas da Amazônia.

Na primeira parte, em "Impressões Gerais", a Amazônia é descrita a *vol d'oiseau*, onde o rio é o centro da atenção numa visão geográfica. Descreve o Autor a seguir o Purús em seus 3.210km de extensão. Assume uma posição crítica quanto aos nordestinos enviados ao Acre por ocasião das secas de 1879-1880, 1889-90 e 1900/01. A migração forçada equivalia a expatriar dentro da própria pátria. A chamada insalubridade não mais é senão "uma apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo, verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau, é o homem" (pág. 131). A nova sociedade dos caucheiros — aventureiros sertanistas que batiam atrevidamente aqueles rincões ignorados — é uma página memorável do autor. É o retrato de nossos seringueiros transposto para os cortadores de caucho vindos do Perú, transpondo os Andes, a procura do ouro negro. A festa do Sábado de Aleluia mostra um traço folclórico da cultura dos seringueiros do Alto Perú, como desafogo de seus dias tristes. Sob o título de "Brasileiros" encontramos o texto publicado em 1907 no *Jornal do Comércio*, tratando do problema de brasileiros explorando o comércio com os peruanos em território peruano. A "Transaccreana" é o texto seguinte com a descrição da região entre o Purús e o Jurúa, numa apologia da estrada de ferro Madeira-Mamoré, considerada como "a arte de fazer um dolar ganhar o maior juro possível" (pág. 131). Os textos seguintes encerram esta parte do livro com a mesma descrição real da paisagem amazônica e do elemento humano. As observações geográficas são secundadas pelas opiniões de naturalistas que percorreram esta região em período anterior a permanência de E. Cunha nesta *hylae* portentosa.

A segunda parte compreende uma série de estudos sobre o Rio Purús, em diversos aspectos: afluentes, correntes e distâncias, clima, região e po-

voados, cabeceiras, varadouros, navegabilidade, seringais e interessante texto sobre as fronteiras entre Perú e Brasil.

Finalizando, encontramos na terceira parte vinte e seis cartas escritas pelo Autor em 1904 e 1905 da Amazônia.

Possa a presente coleção divulgar os textos que escaparam da coleção Brasileira, reeditar alguns desta, como é o caso do DB3. Leitura necessária para o conhecimento de nossa realidade histórica passada, alicerce do presente e passo dado para o futuro.

JANUÁRIO FRANCISCO MEGALE.



GOODLAND (Robert J. A.) e IRWIN (Howard S.). — *A selva amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho?* Tradução de Regina Junqueira, revisão técnica, prefácio e notas de Mário Guimarães Ferri. São Paulo, Editora Itatiaia. Editora da Universidade de São Paulo 1975.

“Já não há dúvida, atualmente, de que as clareiras abertas na floresta as colheitas só dão bons resultados nos dois ou três primeiros anos quando então o declínio da produção e a entrada de pragas e plantas invasoras fazem com que se torne mais prático desmatar outro pedaço da floresta ... Trata-se de uma estratégia que só se torna ecologicamente válida nos lugares onde é baixa a densidade demográfica, sendo totalmente contra indicada para sustentar o vasto número de colonos oficialmente designados para a ocupação da Amazônia. Tanto a destruição das matas quanto as atividades agropecuárias estimuladas pela abertura das novas estradas pressagiam as mais desastrosas consequências ambientais” (p. 61).

A finalidade do presente estudo, é mostrar quão pouco conhecida é essa área imensa mas vulnerável, bem como relatar o que está sendo feito, prever que resultados isso poderá trazer para o ambiente e sugerir medidas capazes de impedir, ou pelo menos atenuar, desagradáveis e extensas consequências que inevitavelmente o futuro irá trazer (p. 17).

Assim, os Autores tomam como ponto de apoio para esta pesquisa sobretudo “as cinco grandes rodovias, das quais duas são transversais, isto é, seguem o rumo leste-oeste e as outras três longitudinais, ou sejam avançam aproximadamente na direção norte-sul. As duas transversais são a Transamazônica (Br. 230), que vai do Atlântico ao Perú, e a Perimetral Norte (Br. 210), que segue paralela, ao limite setentrional do Brasil e se estende do Atlântico a Colômbia. As longitudinais são —: Venezuela — Acre (Br. 307) ao longo da fronteira ocidental do Brasil; Rondônia — Manaus — Roraima (Br. 174 e 319), praticamente ligando a Bolívia com a Guiana; e a Cuiabá — Santarém — Suriname (Br. 163)” (p. 20).